

FORÇAS ARMADAS

Após 44 anos desde o ingresso do sexo feminino na Força, Marinha forma primeira turma de mulheres fuzileiras navais. Feito inédito derruba último espaço restrito aos homens

Elas fazem história na linha de frente

» HENRIQUE LESSA

Depois de 44 anos da primeira turma feminina nas Forças Armadas, a Marinha do Brasil, pioneira em incorporar as mulheres no serviço, fechou o ciclo, na última sexta-feira, garantindo o acesso delas a todas as áreas de atuação da Força. Desde 7 de julho de 1980 até os dias atuais, com a formatura da primeira turma de 114 mulheres soldados fuzileiros navais, a Marinha registra o avanço na participação feminina, até mesmo nos seus grupos de elite.

Para a primeira mulher negra do círculo de oficiais gerais das Forças Armadas, a contra-almirante Maria Cecília Barbosa da Silva Conceição, é preciso comemorar. Para ela, o fato de que, agora, o sexo feminino pode escolher qualquer posto ou cargo dentro da instituição, além de ampliar as possibilidades de carreiras para as mulheres, traz aspectos positivos para a própria Força. “Essa era a última peça do painel de oportunidades que foi aberto. Nós partimos de zero, em 1980, e, hoje, temos cerca de 11% de mulheres participando do efetivo total de militares da ativa. Esse crescimento tem sido devagar, mas contínuo”, aponta a médica da Marinha.

A adição dos soldados mulheres entre os fuzileiros, considerando um grupo da elite nas operações da Marinha, derruba o último espaço que era restrito aos homens, reforça o capitão Vanderli Júnior, comandante do Centro de Instrução Almirante Milcíades Portela Alves (Ciampa), responsável pelo treinamento da primeira turma de fuzileiras formada esta semana. No treinamento de quatro meses, o comandante aponta ainda que o índice de desistência entre as candidatas mulheres é de aproximadamente metade do registrado entre os candidatos do sexo masculino.

Marinha/Divulgação



Após quatro meses de treinamento intenso, primeira turma de fuzileiras se forma com 114 jovens de todo o país

“No total, foram 660 formandos, 114 mulheres e 546 homens. O curso é muito duro, mas uma das premissas é de que ele deveria ser exatamente igual, não podíamos aliviar nada por serem mulheres. Elas precisavam atingir os mesmos parâmetros masculinos e desempenharam muito bem, tanto que a taxa de desistência das mulheres foi quase a metade da taxa masculina. Mostrando como elas foram guerreiras”, destaca.

Para a contra-almirante Maria Cecília, o número impressiona. “Isso é a mulher, ela tem algumas características próprias, como a de não desistir, de perseverar, superar as dificuldades, de conseguir conciliar, muitas vezes, problemas e dificuldades da própria vida pessoal dentro da vida profissional. Vemos de forma muito positiva essa participação feminina por características que são próprias, como a perseverança”, explica.

A soldado fuzileira naval Letícia Alves, 19 anos, de Navegantes (SC),

abandonou o curso superior de Educação Física para buscar o sonho de entrar para as Forças Armadas, influenciada pelo pai, que é militar, e que comemorou o feito inédito: “Nós mostramos que conseguimos aguentar tanto quanto eles”.

Mesmo tendo conquistado a segunda colocação entre os 660 formandos, entre homens e mulheres, admite que a dureza do treinamento a fez balançar. “Cheguei a pensar se realmente estava no lugar certo, no lugar correto para mim, mas nunca pensei em desistir”, garante.

Carioca de Realengo, Jamily de Souza Franklin, 21 anos, outra nova soldado fuzileira, escolheu a carreira militar por influência da mãe, que é sargento da Polícia Militar do Rio de Janeiro, e pela participação em um projeto social da Aeronáutica em que praticava atletismo. “Eu acho que a carreira militar é a melhor forma de garantir uma estabilidade financeira, mas só agora que a ficha caiu, depois da formatura”, revela.

Dia da Marinha

Apesar da comemoração pela ampliação da participação feminina, Maria Cecília lembra que, este ano, a Força não pôde comemorar o Dia da Marinha Brasileira, em 11 de junho, em função da tragédia climática ocorrida no Rio Grande do Sul. “Por respeito e pela necessidade de deslocamento de pessoal para ajudar as vítimas, a Marinha achou melhor restringir as comemorações”, inclusive a do Dia da Marinha”, lamenta a contra-almirante.

Apesar da discricão no registro da data, a Marinha do Brasil foi pega de surpresa com a repercussão no alcance das publicações da Força, registrando a data, que bateu todos os recordes juntamente com a divulgação das ações de resgate no estado gaúcho. Esta foi a segunda vez em que a Marinha deixou de realizar atividades para comemorar a data, a primeira ocorreu durante a pandemia da covid-19.

»Entrevista | DALVA MARIA CARVALHO | PRIMEIRA OFICIAL-GENERAL DAS FORÇAS ARMADAS

“Finalmente, nós chegamos lá”

Integrante da primeira turma feminina da Marinha, criada em 7 de julho de 1980, a médica anestesista Dalva Maria Carvalho Mendes, além de pioneira do primeiro grupo de mulheres militares no país, alcançou, ao longo da carreira, o posto de almirante e se tornou também a primeira mulher no grupo de oficiais gerais em todas as três forças.

Aposentada da prática médica e na reserva da Marinha, Dalva segue acreditando que a sociedade deve avançar para um modelo mais igualitário, em que homens e mulheres serão sempre julgados pelos seus valores e méritos, caminho que, acredita, vem sendo seguido pela Marinha.

Não esconde o orgulho nem o carinho em pertencer a Marinha, afeto que transmitiu para a filha, a advogada e capitã de corveta Luciana Mendes, que integra hoje a Força Tarefa Internacional 151, responsável pelo combate à pirataria no Mar Vermelho.

Acompanhe os principais trechos da conversa.

Como foi 44 anos atrás, quando a senhora entrou como uma das pioneiras na vida militar?

Em 1980, foi criado o Corpo Auxiliar Feminino da Marinha, e nós entramos em 1981, com a primeira turma desse corpo feminino. Eram, na época, 203 oficiais. Não me recordo quantas praças, mas eram muitas mulheres. A época, as pessoas achavam bem interessante, era uma grande novidade, saímos em capas de revistas. Achavam bem assim

Acervo pessoal



fenomenal, digamos. A turma virou celebridade, naquele tempo, não tinha WhatsApp, não tinha nada disso, mas o pessoal já gostava de uma novidade.

A senhora foi a única que chegou ao posto de almirante?

Eu fui a primeira, mas já vieram outras duas, nenhuma da minha turma. Minha turma acabou perdendo um pouco o compasso, já que depois nós fomos inseridas nos corpos, quando o Quadro Auxiliar Feminino de Oficiais da Reserva da Marinha foi extinto e as mulheres foram integradas ao quadro-geral. Fomos, então, concorrer com os homens, e ficamos um pouco defasadas em relação a eles.

Se chamava quadro da reserva? Inicialmente, a Marinha não

tinha certeza de que nós teríamos condições de nos adequarmos ao dia a dia militar, nós éramos em certa medida um corpo de provas. Aí, nós conseguimos demonstrar que tínhamos condições de ser militares.

Passaram com louvor?

Acredito que sim, pelo menos eu quero acreditar nisso, já que agora já somos 11% da força. Se for olhar as outras marinhas, de outros países, vão ver que a participação é parecida.

Esse mundo não é muito masculino?

Eu sempre acreditei que era uma profissional, e para mim profissional não tem sexo nem orientação sexual. Se ele for bom, vai caminhar. Se ele não for bom,

vai sucumbir. Essa foi a forma que sempre pensei, e a Marinha parece que concordou comigo. Eu acho que homens e mulheres têm que caminhar juntos, ombreados, se não a sociedade não funciona bem.

A senhora foi pioneira como militar?

Em tempo de paz, sim, mas tivemos muitas mulheres em tempos de guerra, grupos especiais, como um quadro regular. Em tempo de paz, a Marinha realmente foi a primeira.

E o que representa a primeira turma de fuzileiras navais nos dias atuais?

Isso muito me alegrou, isso foi o que eu sempre quis, que as mulheres pudessem competir por mérito, em todos os espaços da Marinha, e eu acho que finalmente nós chegamos lá.

Foram 44 anos. Não demorou muito?

Eu acho que não, é lógico que a gente sempre quer que as coisas andem muito rápido, mas, algumas vezes, para acontecer de forma adequada, as coisas precisam de parcimônia. E a gente tem que pensar no amadurecimento da mentalidade da sociedade de uma maneira geral. Isso é uma mudança de mentalidade que foi sendo conquistada, foi demonstrado para as autoridades que as mulheres também estavam maduras para enfrentar os desafios. (HL)

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Progressistas, liberais, conservadores e as “mentes naufragadas”

O professor Mark Lilla é especialista em história intelectual, principalmente do pensamento político e religioso do Ocidente. Desde 2007, leciona Humanidades na Universidade de Columbia e colabora, regularmente, para o *New York Review of Books* e o *New York Times*. É autor, entre outros livros, de *A mente imprudente — Os intelectuais na atividade política*, que traz um perfil de pensadores que fecharam os olhos ao autoritarismo, à brutalidade e ao terrorismo de Estado; e *A mente naufragada — Sobre o espírito reacionário*, que apresenta o reacionário não como um conservador, mas como uma figura tão radical e moderna quanto o revolucionário.

Em 2016, Lilla criticou duramente o Partido Democrata ao analisar a vitória de Donald Trump, na qual questionou a fixação democrata pela questão da diversidade, pois o partido tornara-se um mero porta-voz dos grupos minoritários que não conversavam entre si. Na época, destacou que Bill Clinton e Barack Obama fizeram bons governos, mas isso não bastou para responder aos anseios e inquietações da maioria dos eleitores norte-americanos, diante de um processo inexorável de mudanças que gera muitas incertezas sobre o futuro individual.

É aí que os progressistas, focados nos direitos das minorias, e os liberais, cujas bandeiras já não dão respostas aos novos problemas, cederam espaço para o saudosismo de um passado imaginário. É um fenômeno que aparece com muita força na Europa e na América Latina. Aqui no Brasil, também. Hoje, por exemplo, teremos um grande encontro da extrema-direita em Balneário Camboriú (SC), com a presença do presidente da Argentina, Jair Milei, e do ex-presidente Jair Bolsonaro. Lilla examina esse fenômeno desde a eleição de Trump.

Há dois tipos de política identitária: a defesa de direitos de afro-descendentes, mulheres e gays, que lutam por igualdade, cidadania, solidariedade e reparação histórica; e, desde os anos de 1980, a política obcecada pela identidade pessoal e o sucesso individual, na qual cada um se diferencia dos outros. A primeira dizia “somos todos iguais e queremos ser tratados com igualdade”, ressalta Lilla. “Já essa segunda política identitária se baseia na afirmação da diferença e na exigência de respeito à singularidade. Ninguém pode falar em nome de ninguém. Isso jogou as pessoas umas contra as outras”, destaca. Foi aí que a extrema-direita apostou suas fichas.

Na crítica aos democratas, Lilla sugeriu que a esquerda deixasse de lado o liberalismo identitário e buscasse a unidade na especificidade das minorias. Foi mais ou menos o que levou o atual presidente norte-americano Joe Biden à apertada vitória contra Trump, anos atrás. Sua reeleição, porém, agora está ameaçada pelo próprio derrotado. A política norte-americana trafega numa montanha russa. A economia vai bem, mas sua narrativa e desempenho pessoal ainda não convenceram a maioria. Hoje, a maioria só se interessa pelo que os afeta pessoalmente e não vê a necessidade de se engajar numa luta comum com outras pessoas, para melhorar de vida. A maioria dos jovens, por exemplo, já não se interessa por quase tudo — política, economia, raça, classes sociais — como antes acontecia.

Nostalgias políticas

A nostalgia do passado é fenômeno muito amplo, que afeta a extrema-direita e a extrema-esquerda, os fundamentalistas cristãos e os marxistas ortodoxos. Lilla chama esse tipo de visão de “mente naufragada” porque subverte a ideia de que o tempo é como um rio cujas águas não voltam atrás. Segundo ele, houve um desastre no tempo, uma ruptura na história, que deixou as pessoas à margem, enquanto o tempo continuou passando. “Eles acham que não fazem mais parte do que acontece. E essa mentalidade está moldando grande parte de nossa política: uma sensação de deslocamento, de deslocamento histórico acrescentando a outros tipos de deslocamento: econômico, político e cultural”. A política passa a sensação de que algo deu muito errado no tempo.

Vem desse naufrágio o pensamento reacionário. Estudou-se muito as revoluções, mas pouco a Reação, cuja origem como conceito político também é a Revolução Francesa. Karl Marx, por exemplo, em sua vasta obra, somente dedicou uma delas ao fenômeno: *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. Isso explica um pouco a dificuldade que a esquerda tem de compreender o que está acontecendo. Não consegue distinguir o pensamento conservador do reacionário, o que ajuda a extrema direita a capturar o centro. São maneiras diferentes de encarar a história. O conservador clássico acha que a história e a sociedade têm prioridade sobre o indivíduo.

Para um liberal, indivíduos têm direitos que prevalecem sobre a tradição ou as reivindicações da sociedade, e essas reivindicações são limitadas por nossos direitos. Os conservadores acreditam no oposto. Entretanto, para eles é importante manter uma continuidade histórica, o que significa não haver uma ruptura radical, mas também reconhecer que as coisas sempre mudam e devem mudar. Então, um conservador é mais flexível do que um reacionário e, às vezes, até mais flexível do que um liberal. Jogá-los nos braços do reacionarismo talvez seja hoje o maior erro da esquerda, não só a brasileira.

Inclusive os reacionários modernos podem ser “revolucionários” no sentido de que querem voltar a um passado idealizado, no nosso caso, o regime militar, ou criar um futuro igual ao passado, a ordem “iliberal” da ditadura da maioria. Desde a Revolução Francesa, o “revolucionário” é movido pela esperança. Segundo Lilla, acredita que o futuro vai ser melhor do que o presente e que ainda não nos tornamos o que devemos ser. Já o reacionário acredita que não somos mais o que somos, nossa verdadeira natureza ficou no passado idealizado.